



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Pré-História

- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

ANÁLISE (IM)POSSÍVEL DOS ESPÓLIOS ARQUEOLÓGICOS DO SÍTIO DO MASCARRO (CASTELO DE VIDE, PORTUGAL)

Sílvia Monteiro Ricardo¹

RESUMO

O sítio de Mascarro foi intervencionado arqueologicamente na década de 1980, mostrando essencialmente parte de um *torcularium* romano e compartimentos domésticos alto-medievais. Ainda que limitados pela metodologia utilizada, verificamos que existe uma cultura material e uma cultura construtiva bastante distinta nos vários setores que é apenas parcialmente conhecida.

Consideramos que para entender este complexo local, especialmente em termos de cronologias ocupacionais e de abandono, é essencial verificar e analisar os materiais encontrados durante as escavações arqueológicas ou os achados de prospeção.

Palavras-chave: Castelo de Vide; Povoamento rural; Cultura material; *Torcularium*; Estruturas Alto Medievais.

ABSTRACT

The site of Mascarro was archaeologically intervened in the 1980s, essentially showing part of a Roman *torcularium* and high-medieval domestic compartments. Although limited by the methodology used, we found that there is a material culture and a constructive culture quite distinct in the various sectors that is only partially known.

We believe that to understand this complex site, especially in terms of occupational and abandonment chronologies, it is essential to verify and analyze the materials found during archaeological excavations or prospecting findings.

Keywords: Castelo de Vide; Rural settlement; Material culture; *Torcularium*; High Medieval structures.

1. INTRODUÇÃO

O sítio do Mascarro localiza-se no concelho de Castelo de Vide, distrito de Portalegre (Portugal) (Figura 1). A paisagem é predominantemente marcada pela Serra de São Mamede, transitando entre cristas quartzíticas e graníticas proeminentes e a peneplânie tradicional alentejana.

Este sítio foi identificado em 1970, através da descoberta de dois trientes visigodos (Almeida, 1971, p. 224), sendo referenciado posteriormente na Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide (Rodrigues, 1975, p. 178). Os vestígios arqueológicos encontravam-se dispersos por uma área bastante considerável, com cerca de 4ha, dos quais se destacam

não só materiais de superfície (cerâmica de construção, doméstica e elementos líticos) como também alinhamentos de estruturas pétreas.

Entre 1983 e 1985 realizaram-se escavações arqueológicas, com direções distintas (Pita, 1983, Oliveira, 1984, Oliveira, 1985). Todavia, a metodologia seguida em todas as campanhas não foi a mais científica. Embora tenham sido produzidos cadernos de campo e relatórios de escavação, em nenhum deles foi registada a sequência estratigráfica existente. O mesmo destino teve o material exumado, inventariado sem referência a qualquer unidade estratigráfica, possuindo, no máximo, a quadrícula de recolha. Apesar do potencial que o sítio demonstrava, não foi possível interpretar inequivocamente a funciona-

CHAIA-UÉ / silviamonteiroricardo@gmail.com

lidade das estruturas ou determinar a tipologia do assentamento. Levantavam-se inúmeras questões que levaram a diferentes interpretações ao longo de mais de trinta anos.

Segundo Maria da Conceição Rodrigues estava-se perante uma *villa* romana, na qual existiram “duas correntes culturais diferentes, uma de base romana, outra visigótica” (Rodrigues, 1975, p. 168). Após a intervenção arqueológica, Jorge Oliveira conclui que a mesma tinha incidido sobre a *pars rustica* de uma *villa*, posteriormente necropolizada (Oliveira, 1984, p. 7), ideia posteriormente repercutida (Alarcão, 1988). Este sítio volta a ser referido por Pilar dos Reis (2004, pp. 129) que indica a existência de termas privadas, através da identificação por Maria da Conceição Rodrigues de um tijolo trapezoidal aquando dos trabalhos de prospecção (Rodrigues, 1975, p. 168). Todavia, actualmente não é possível confirmar tais estruturas, nem foram identificados mais elementos desta tipologia.

Em 2011, foi elaborado um estudo preliminar sobre as cerâmicas comuns romanas do concelho de Castelo de Vide, no qual foram incluídos exemplares provenientes do Mascarro (Pereira & Monteiro, 2011). Todavia, consideramos que a metodologia utilizada, mas sobretudo as cronologias atribuídas, necessitam de revisão.

Mais recentemente, Mélanie Wölfram (2011, p. 154) volta a referenciar o Mascarro como uma *villa* necropolizada. Teoria perpetuada também por André Carneiro (2014, 2016, 2017a, 2017b) o qual o refere como sendo a *pars rustica* de uma *villa* romana, na qual foram detetadas sepulturas, no interior das estruturas, de uma fase posterior.

Porém, a recente revisão dos dados existentes (Ricardo, 2015, 2017) permitiu uma nova reinterpretação das estruturas registadas nas intervenções arqueológicas. Sumariamente, foi possível estabelecer três conclusões: a presença de uma estrutura de produção oleícola; a inexistência de qualquer vestígio de necropolização do espaço; e o enquadramento das estruturas em dois períodos cronológicos: um primeiro do Baixo-império e um segundo da Alta Idade Média.

2. BREVE DESCRIÇÃO DAS ESTRUTURAS

Ainda que o objectivo deste artigo seja o estudo dos materiais arqueológicos, por forma ao seu enquadramento espacial (face à falta de estratigrafia), é

necessário procedermos a uma breve descrição das estruturas escavadas. (Figura 2)

No sector A, registou-se um piso estreito, lajeado, com cerca de 2m de comprimento, junto a três tanques contíguos de forma quadrangular. O tanque do meio, que resulta da sobreposição de camadas de *opus signinum*, assenta sobre um nível de regularização composto por pedras roladas, e está um pouco acima do nível dos restantes tanques. Embora apenas parcialmente intervencionado, interpreta-se como sendo parte de um lagar.

No sector C, a estrutura identificada é composta por dois compartimentos. Um primeiro, retangular e de pequenas dimensões, e um outro onde se destacam duas estruturas apontadas como lareiras. Estruturalmente, os muros apresentam uma construção irregular, em *opus incertum*, tendo sido identificada uma soleira de porta reaproveitada no enchimento de um dos muros. Pelas características construtivas, aparenta tratar-se de um espaço habitacional.

O sector D corresponde essencialmente a dois compartimentos “pavimentados”. O primeiro compartimento possui planta retangular e prolonga-se além da sondagem. Na zona SW deste destaca-se uma grande laje de pedra que se afigura estar ao nível do piso e funcionar como apoio para o mesmo. No centro, o afloramento rochoso é utilizado para talhar o embasamento dos muros que fazem a compartimentação da habitação. Quanto ao segundo compartimento de planta quadrangular, possui uma entrada virada a Norte. O aparelho construtivo dos muros é composto por duplo paramento de pedra sem ligante de argamassa. Este tipo de estrutura é bastante diferente do que se verifica no Setor A, o que interpretamos como uma construção bem mais tardia. O piso, obtido por compactação, reforça esta ideia pois está documentado nos sítios intervencionados da granja da Tapada das Guaritas ou o sítio do Juncal, datado da Alta Idade Média (Prata, Cuesta-Gómez, 2017, p. 153). Adossadas aos muros, no extremo SE do compartimento, encontram-se duas estruturas, com cerca de 1m de comprimento cada, que foram sendo consideradas como sepulturas (Pita, 1983, p. 7, Wölfram, 2011, p. 154, Carneiro, 2014, p. 131). Todavia, no relatório de escavação de 1984 (Oliveira, 1984, p. 7) é referido que quando se chegou ao fundo da sepultura encontrou-se um piso igual ao resto do piso geral. Estas estruturas, sem qualquer tipo de orientação canónica, assentam simplesmente sobre o piso do compartimento, ou seja, não se trata de se-

pulturas pois nem rasgam posteriormente o piso para “fixar” a caixa tumular (Ricardo, 2015, 2017). Porém não é possível compreender a sua funcionalidade. Analisando a tipologia destas estruturas, apontamos para a presença de um espaço habitacional.

O sector E compreende dois muros de duplo paramento, com enchimento de pedra miúda, formando um ângulo recto. Este compartimento prolonga-se para Poente, contudo não está totalmente escavado. Por ora, é inexequível compreender como se articulavam com o restante conjunto edificado, assim como a tipologia das estruturas.

Por fim, o sector F localiza-se dentro de uma estrutura recente, de planta retangular edificada de pedra seca, sem cobertura, que corresponderia a um casebre de apoio à construção da linha férrea. Localiza-se sobre uma vasta zona de derrubes, não tendo sido possível caracterizar as estruturas identificadas no subsolo.

3. METODOLOGIA

A grande questão metodológica consiste em como abordar materiais com um grau tecno-tipológico tão diferenciado resultantes de uma intervenção arqueológica em que os princípios básicos de estratigrafia arqueológica foram completamente olvidados.

Face a este constrangimento, optamos por estudar estes materiais como se os mesmos fossem resultantes de trabalhos de prospeção.

Assim, o primeiro passo foi a construção de uma tabela por forma a quantificar os materiais pelos sectores e respetivas quadrículas intervencionadas. Todavia, nem todos os materiais possuíam indicação ou descrição de proveniência.

O segundo passo foi agrupar os materiais consoante as suas características tipológicas: cerâmicas, vidros, metais, numismas e líticos. Após esta fase procedemos à análise possível de cada grupo, por forma a tentar identificar formas, tipologias, produções e cronologias.

Por fim, tentamos correlacionar os materiais com as estruturas identificadas, por forma a compreender melhor a função das mesmas.

Todos estes dados foram compilados em tabela possibilitando assim uma comparação entre sectores.

4. ANÁLISE DOS MATERIAIS POR SECTOR

4.1. Sector A

Neste sector foram recolhidos 24 fragmentos de cerâmica², 7 fragmentos de vidro, 5 elementos metálicos e 15 numismas. Em termos espaciais foram recolhidos preponderantemente numa área que consideramos de circulação.

Dentro do conjunto cerâmico foi possível reconhecer algumas formas: 3 *dolia*, 1 pote, 5 fragmentos de ânfora, 1 prato, 1 jarro\bilha, 1 panela\pote (Ver Figura 3A/3B). Ou seja, um maior predomínio para cerâmica de transporte e armazenamento. As pastas apresentam-se, maioritariamente, bem depuradas, com colorações que variam entre o castanho e o laranja, isto é, um conjunto cerâmico homogéneo. Em termos de cronologia, o prato de *Terra Sigillata* Africana Clara D1 com decoração estampada, é datável dos finais do século IV inícios do V d.C. (Hayes, 1972, p. 241) e a ânfora Almagro 51 C, de produção lusitana datável entre o século III e o século V d.C. (Viegas, Raposo, Pinto, 2016) (ver Figura 3A). Os restantes materiais, por se tratar de cerâmica comum apenas podemos afirmar que deverão corresponder a período baixo-imperial ou tardio.

Atendendo ao conjunto vítreo, o elevado estado de fragmentação impossibilitou reconhecer formas. Quanto às tonalidades dos vidros variam entre o branco, o amarelo e o verde. Trata-se, no entanto, de um conjunto muito homogéneo que se pode balizar entre os séculos III a IV d.C. (Ricardo, 2015).

Foram igualmente recolhidos alguns materiais em suporte metálico (ver Figura 9C), trata-se sobretudo de elementos de adorno e algumas formas indeterminadas, as quais é inviável reconhecer a funcionalidade. De igual modo, não se podem avançar cronologias, uma vez que não encontramos paralelos arqueológicos datáveis.

Quanto ao conjunto numismático este é formado por exemplares de uso corrente, cunhados sobre ligas de bronze (ver Figura 4), enquadrando-se em perdas isoladas e não em contexto de entesouramento. Insere-se numa baliza cronológica centrada nos meados do século IV. No entanto é necessário ressaltar que comumente estes se encontram em circulação durante décadas posteriores, «*A duração de circulação de uma moeda varia em função de diver-*

2. Inclui cerâmica comum, cerâmicas finas, cerâmica de construção e de transporte.

sas circunstâncias, podendo estender-se por um século ou mesmo mais» (Ruivo 2008: 267) (Quadro 1)

Atendendo à tipologia de estrutura presente neste sector, um lagar, e olhando para os materiais recolhidos percecionamos uma correlação evidente. Sendo um espaço produtivo, a presença preponderante de contentores de armazenamento seria expectável. A este contexto poderá corresponder o elemento metálico MA204 com uma possível funcionalidade de suporte de recipientes. Todavia, a presença de outras tipologias de cerâmica não é dissonante, uma vez que podem servir de apoio ao processo produtivo, nomeadamente, à mão-de-obra presente. Interessante é a elevada presença de numismas, que podemos interpretar talvez como resultante do processo de compra e venda do produto manufaturado. Por fim, atendendo à dispersão espacial dos materiais, assim como à sua cronologia (relativa), este espaço encontrar-se-ia em funcionamento em meados do século IV, tendo o seu abandono ocorrido em finais do século IV ou na centúria seguinte. (Figura 3 / Figura 4)

4.2. Sector C

Neste sector foram registados 57 fragmentos de cerâmica³, 29 fragmentos de vidro, 8 elementos metálicos e 1 elemento arquitetónico.

O conjunto de cerâmica utilitária é constituído por 1 bilha/pote, 1 jarro, 11 panela/potes, 1 talha/alguidar, 1 *dolium*/talha (ver Figura 5A/6A). Neste conjunto diversificado as pastas variam bastante entre as bem depuradas e as mal depuradas, com colorações que variam entre o preto e o laranja. Pela conjugação destas características avançamos que se está perante um conjunto cerâmico heterogéneo que deverá corresponder a dois períodos de ocupação: baixo-imperial e um momento alto-medieval.

Atendendo ao conjunto vítreo, este apresenta igualmente um elevado estado de fragmentação o que apenas permitiu reconhecerem-se algumas formas, 10 taças campanuladas, 1 copa, 1 garrafa-balão e 1 pendente em forma de jarrinho (ver Figura 5B). Quanto às tonalidades dos vidros estas variam entre o branco e verde, sendo que o pendente é uma produção de adornos de vidro negro. Em termos cronológicos, o conjunto enquadra-se maioritariamente entre o século III-IV, sendo que para a peça de adorno pos-

3. Inclui cerâmica comum, cerâmicas finas, cerâmica de construção e de transporte.

suímos um raro paralelo desta forma em *Balsa* (Tavira) datado entre os séculos IV e V d.C. (Nolen, 1994). Foram identicamente recolhidos alguns materiais metálicos, pese embora não seja possível reconhecer a maioria das formas. Porém, identificaram-se cavilhas, pesos e grampos utilizados como “gatos” para remendar cerâmicas (ver Figura 5C).

Por fim, foi recolhido 1 fragmento de coluna, a qual poderia pertencer a uma estrutura porticada, mas par a qual não possuímos mais dados.

Tendo em conta a tipologia da estrutura, habitacional, mais uma vez os materiais exumados possuem uma certa correlação. Trata-se sobretudo de materiais de uso doméstico, quer relacionado com as atividades de transformação e armazenamento de alimentos quer com serviço de mesa e elementos de adorno pessoais. Todavia, neste caso não temos um conjunto homogéneo cronologicamente, embora as estruturas não aparentem possuir mais do que uma fase de construção. Assim, como hipóteses interpretativas podemos estar perante uma construção de época baixo-imperial ou alto medieval, utilizada ininterruptamente até época alto medieval (século V-VIII); ou então um espaço com duas fases de ocupação descontínuas. (Figura 5 / Figura 6)

4.3. Sector D

Neste sector, para além da falta de estratigrafia, foi apenas recolhida uma moeda datada do século IV d.C. e algumas cavilhas. Durante a escavação de 1983 foi identificado uma base de coluna em mármore reutilizada num muro.

Sabemos também segundo os registos do arqueólogo responsável pela intervenção, Jorge de Oliveira, que junto a este setor estava uma coluna em mármore com 1,40m de comprimento: «*Pensamos que é de salientar o aparecimento de uma base de coluna de calcário que pressupomos fazer parte de uma coluna, também em calcário que o tractor anos atrás revolveu*» (Oliveira, 1983, p. 3).

4.4. Sector E

Neste sector foram recolhidos 6 fragmentos de cerâmica⁴, 62 fragmentos de vidro, 5 elementos metálicos e 1 numisma.

Dentro do conjunto cerâmico reconheceram 1 pote/bilha, 1 bilha/jarro, 1 fragmento de ânfora, 1 garrafa, 2 jarro/garrafa e 4 elementos metálicos, dos quais 1

4. Inclui cerâmica comum e de transporte.

moeda e 3 elementos de fixação (ver Figura 7A). As pastas apresentam-se maioritariamente bem depuradas, com colorações que variam entre o castanho, o cinzento e o laranja. Trata-se de um conjunto cerâmico muito reduzido e heterogéneo que deverá corresponder a um momento baixo imperial ou até mesmo da alta idade média.

Mais uma vez o conjunto vítreo apresenta elevado estado de fragmentação o que impossibilitou reconhecerem-se formas (ver Figura 7B). Quanto às tonalidades dos vidros variam desde o branco, o azul e o esverdeado. Trata-se de um conjunto homogéneo que se pode delimitar entre os séculos IV/ a V. d.C. Por fim, regista-se um numisma, de liga de cobre, balizado em 351-361 d.C. (ver Figura 7C).

Neste sector, a estrutura posta a descoberto, os materiais exumados e a correlação entre ambos não possibilitam compreender a tipologia ou uso do espaço.

4.5. Sector F

Por fim, neste sector foram recolhidos 26 fragmentos de cerâmica⁵, 1 fragmento de vidro e 11 elementos metálicos.

Dentro do conjunto cerâmico reconheceram 2 pote/bilha, 2 taças, 2 *dolium*, 1 asa, 1 taça/tigela, sendo a maioria impossível determinar a forma (ver Figura 8A/8B). Foram também recolhidos 8 elementos metálicos, especificamente elementos de fixação, dos quais 1 botão e outros elementos indeterminados, e 1 bordo de vidro. As pastas cerâmicas apresentam-se maioritariamente bem depuradas, com colorações que variam entre o castanho, o cinzento e o laranja. Trata-se de um conjunto cerâmico muito reduzido e heterogéneo que deverá corresponder a um momento Baixo imperial e alto medieval.

Neste sector, não existe nenhum contexto estruturado, mas sim uma vasta zona de derrubes, não tendo sido possível caracterizar estruturas identificadas no subsolo. Os materiais exumados e a correlação entre ambos não possibilitam compreender a tipologia ou uso deste espaço. (Figura 8)

4.6. Materiais de proveniência desconhecida

Para além da inexistência de estratigrafia, alguns materiais de escavação também não possuem qualquer indicação do sector de proveniência. Por outro lado, face às diferentes campanhas de prospeção, assim como recolhas fortuitas feitas pelo proprietário

do terreno, existem outros materiais de que também se desconhece a sua proveniência exata. Todavia, face às suas características, englobamos também nesta análise.

Relativamente aos materiais completamente descontextualizados das intervenções trata-se de um conjunto composto por 97 entradas de inventário. Reconhecem-se algumas formas quer no conjunto cerâmico (1 almofariz, 3 panela/pote, 4 taças, 4 *dolium* e 66 fragmentos indeterminados) (ver Figura 9A/9B) quer no conjunto vítreo (4 taças campanuladas Isings 116/) (ver Figura 9D). Os materiais cerâmicos aparentam, mais uma vez, corresponder a duas fases cronológicas distintas, se tivermos em conta as pastas e as cozeduras. Já os vidros, também seguem a mesma premissa que o restante conjunto, formando um conjunto homogéneo datável do século IV-V.

Quanto aos restantes materiais, metálicos e líticos, não permitem tecer mais considerações, uma vez que as suas formas e tipologias são enquadráveis em diferentes períodos cronológicos. Por fim, foi recolhido nas escavações de 1983, sem indicação do local exato, um capitel jónico liso de influência toscana, datável do século I d.C., em suporte granítico (Fernandes, 2001, p. 115).

Relativamente aos materiais de prospeção e achados furtivos, como referido, foi através do achado de dois trientes visigodos (Almeida, 1971, Rodrigues, 1975) que o sítio foi reconhecido. Todavia, já à época apenas se noticia um deles, um tremisse de Égica (687-702) cunhado em Toledo (Guedes, 2008, Martín Viso, 2008), o qual se encontra em posse de privados (ver Figura 9 C). Igualmente, no mesmo período foi identificada uma ara votiva (Rodrigues, 1975)⁶, posteriormente relida e republicada (Encarnação, 1984, p. 675). Datada do século I d.C., conserva só a metade inferior, possibilitando apenas a leitura de uma linha:

[...] / [VS?] IVNII / IQALV [?] / ARI (?)
A(nimo) L(ibens) V(otum) S(olvit)...
cumpru de boa vontade a promessa.

6. Além destes achados, são ainda referidas a existência de moedas romanas, pelo menos mais uma moeda visigoda, uma fivela do século VI d.C., *dolia* decorados, tégulas e colunas de cronologia romana (Rodrigues 1975: 189). Todavia desconhece-se qualquer registo de todos estes materiais e o seu actual paradeiro.

5. Inclui cerâmica comum e de transporte.

Também em trabalhos de prospeção foram identificados dois contrapesos de lagar, de tipo 12 na classificação de J.P. Brun (Brun, 1986), os quais, pela tipologia, acionavam uma prensa de parafuso (Ricardo, 2015, 2017). O facto de serem dois contrapesos indicia a existência de duas prensas mecânicas, que poderiam funcionar em simultâneo ou em alternado. Em termos cronológicos, sabemos que as prensas de torno são mais antigas do que as prensas de parafuso, que deveriam datar do terceiro quarto do século I a.C. (Peña Cervantes, 2010, p. 71). Contudo, existem contrapesos reutilizados em espaços de lagares posteriores à sua posição inicial.

Por fim, nas imediações do aglomerado habitacional e produtivo, foi identificada e “escavada”, pelo proprietário, uma sepultura de lajes, na qual recolheu um potinho de cerâmica. Este possui paralelos no espólio cerâmico exumado da necrópole da Boa Morte e enquadrável no século V-VII d.C. (Caeiro, 1985).

5. BREVES CONSIDERAÇÕES (IM)POSSÍVEIS

É bastante usual que o estudo de materiais de escavações antigas seja, no mínimo, complexo e, muitas vezes, praticamente inexequível. Ainda mais nos casos em que a metodologia dos trabalhos escasseia. Compreendem-se assim as “fragilidades” deste conjunto material do Mascarro, quando o número de fragmentos sem contexto, ou de proveniência desconhecida, predomina. Não obstante é possível tecerem-se algumas apreciações.

Tendo em conta a análise dos materiais apontamos a inexequibilidade de compreender assentamentos, e em particular este sítio, apenas pela existência de vestígios materiais avulsos. Esta linha de investigação é muito utilizada na Arqueologia Clássica (Alarcão, 1998, Carneiro, 2014) para classificar e datar sítios, porém é redutora e enviesada. Esta premissa já anteriormente foi demonstrada para outras regiões portuguesas (Tente, 2017, p. 21). Ou seja, neste caso quer a análise das estruturas como dos materiais não nos permite dizer se estamos perante uma *villae*, um *mansio* ou até um *vicus*. Somente que existem espaços habitacionais e produtivos.

A análise dos materiais permitiu, genericamente, datar o sítio entre os séculos I a VIII d.C. Porém, se atendermos apenas às estruturas e materiais provenientes das intervenções arqueológicas, estas podem ser balizadas entre os séculos III a VIII d.C. É, no en-

tanto, impossível perceber se se trata de uma ocupação constante ou se estamos perante diferentes fases de ocupação/abandono/reocupação do sítio.

Conquanto, com este estudo, apenas podemos correlacionar materiais com a tipologia das estruturas definidas em dois sectores. Sobressai o reduzido número de materiais recolhidos no setor A, um espaço produtivo, em contraste com o elevado número de fragmentos recolhidos no setor C, um espaço habitacional.

Em suma, fazer omeletes sem ovos é possível, de igual modo que estudar materiais sem estratigrafia também. Contudo em ambos os casos o resultado final nunca é o mais “aprazível”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Jorge de (1988) – *Roman Portugal: Inventário, Fascículo 3 Évora, Faro & Lagos*. II. Aris&Phillips. Warminster.

ALARCÃO, Jorge de (1998) – A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. 37, pp. 89-119.

ALMEIDA, Fernando de (1971) – Notas sobre moedas visigóticas. *O Arqueólogo Português*, 3 (5), pp. 215-226.

BRUN, Jean- Pierre (1986) – *L'oléiculture antique en Provence: Les huileries du département du Var*. RANarb, suppl. 15. Paris.

CAEIRO, José Olívio (1984) – *A Necrópole da Azinhaga da Boa Morte- Castelo de Vide (I e II)*. Évora: Edição da Junta Distrital de Portalegre.

CARNEIRO, André (2014) – *Lugares, tempos e pessoas: Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Imprensa da Universidade de Coimbra. I. Coimbra.

CARNEIRO, André (2016) – Mudança e continuidade no povoamento rural no Alto Alentejo durante a Antiguidade Tardia. In ENCARNAÇÃO, José d', LOPES, Maria Conceição, CARVALHO, Pedro (ed.): *A Lusitânia entre romanos e bárbaros*. Coimbra, pp. 281-240.

CARNEIRO, André (2017a) – O final das villae na Lusitânia Romana. O exemplo da Horta da Torre (Fronteira). *URBS REGIA*, Nº2.

CARNEIRO, André (2017b) – Nos limites do Império: dinâmicas de povoamento na transição para a Antiguidade Tardia no Alto Alentejo. In TEIXEIRA, C., CARNEIRO, A. (ed.): *Humanitas Supplementum. Arqueologia de Transição: entre o mundo romano e a idade Média*, pp. 39-64.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições romanas do conventus pacensis subsidios para o estudo da romanização*. Instituto de arqueologia da Faculdade de Letras. Coimbra.

FERNANDES, Lúcia (2001) – Capiteis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha – Marvão), *O Arqueólogo Português*, Série IV, 19, pp. 95-158.

GUEDES, César (2008) – Um triente de Égica em aquae flaviae. *Portugalia*, XXIX – XXX, pp. 169-177.

HAYES, John Walker (1972) – *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.

MARTÍN VISO, Iñaki (2008) – *Tremisses y potentes en el nordeste de Lusitania (siglos VI-VII)*. Mélanges de la Casa de Velázquez, 38-1, pp. 1-23.

NOLEN, Jeannette (ed.) (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa, incluindo o espólio ósseo e medieval*. Instituto Português de Museus e Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa.

OLIVEIRA, Jorge (1984) – *Relatório da escavação arqueológica da Herdade do Mascarro (Castelo de Vide)*. Relatório depositado na Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

OLIVEIRA, Jorge (1985) – *Relatório da escavação arqueológica da Herdade do Mascarro (Castelo de Vide)*. Relatório depositado na Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

PEÑA CERVANTES, Yolanda (2010) – *Torcularia. La producción de vino y aceite en Hispania*. Catálogo de yacimientos analizados en cedé, Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

PEREIRA, André; MONTEIRO, Mário (2011) – Cerâmica comum romana no concelho de Castelo de Vide (Estudo Preliminar). *AÇAFA On Line*, nº 4, pp. 2-63.

PITA, António (1983) – *Relatório da Escavação Mascarro 1983*, Castelo de Vide: GACV.

PRATA, Sara; CUESTA-GÓMEZ, José Fabián (2017) – Antes de vide e do castelo: arqueologia da Alta idade Média no território de Castelo de Vide, In., COSTA, Adelaide; ANDRADE, Amélia; TENTE, Catarina (eds.): *O papel das pequenas cidades na construção da europa medieval*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais / Câmara Municipal de Castelo de Vide, pp. 143-159.

RICARDO, Sílvia (2015) – *Sítio Arqueológico do Mascarro – Um modelo para o povoamento antigo no concelho de Castelo de Vide*. Tese de Mestrado. Évora: Escola das Ciências Sociais da Universidade de Évora.

RICARDO, Sílvia (2017) – O Sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal): Revisão de conteúdos desde a década de 70 até à atualidade. *ArkeoGazt Aldizkaria*. 7, pp. 241-265.

RODRIGUES, Maria da Conceição (1975) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Junta Distrital de Portalegre. Lisboa.

RUIVO, José (2008) – *Circulação Monetária na Lusitânia do Século III*. Volume I. Tese de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

TENTE, Catarina (2017) – *Entre o fim do Império e o início da Idade Média: as mudanças na estrutura do povoamento na re-*

gião noroeste da Serra da Estrela». Em *Arqueologia de Transição Entre o Mundo Romano e a Idade Média*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 19-38.

VIEGAS, Catarina, RAPOSO, Jorge, PINTO, Inês Vaz (2016) – Almagro 51C (Western Lusitania). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51c-western-lusitania>).

WÖLFRAM, Mélanie (2012) – *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia: arqueologia-arquitetura-epigrafia*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



Figura 1 – Localização do município de Castelo de Vide no mapa de Portugal continental.

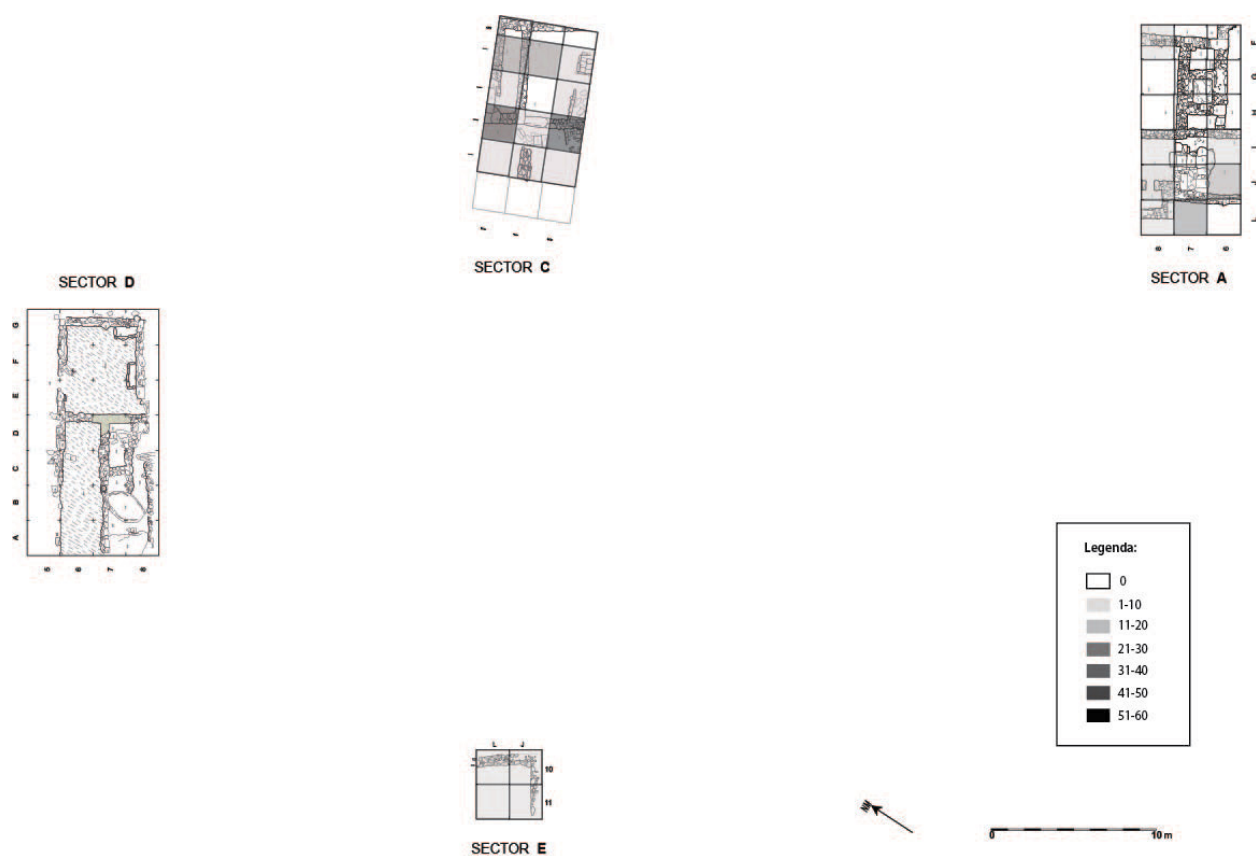


Figura 2 – Planta final da escavação do Mascarro (1985) e respetiva distribuição quantitativa dos materiais por setor.

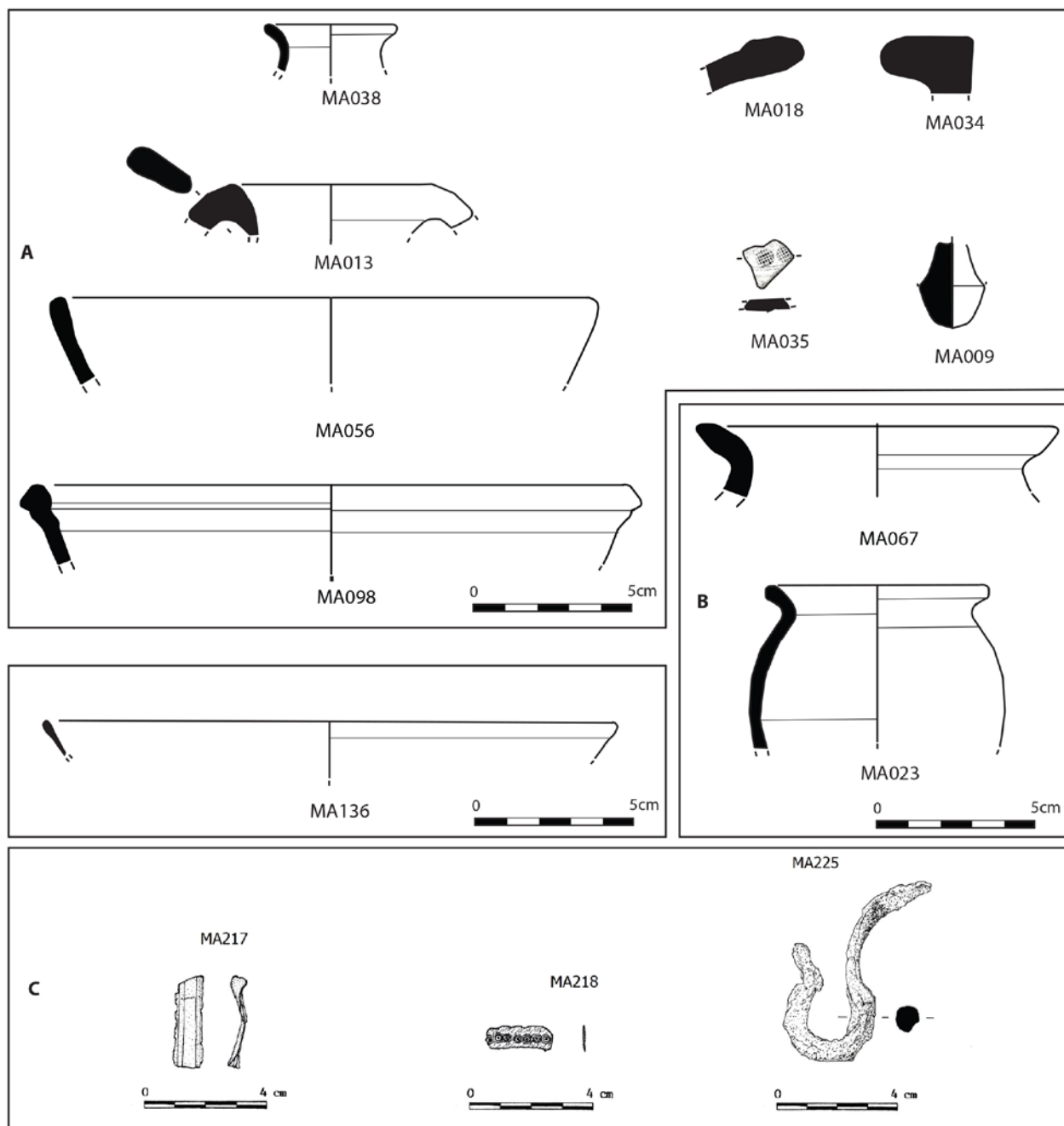


Figura 3 – Materiais do Setor A. A: Cerâmica romana; B: Cerâmica tardo-romana; C: Liga metálica.



Figura 4 - Moedas do Setor A.

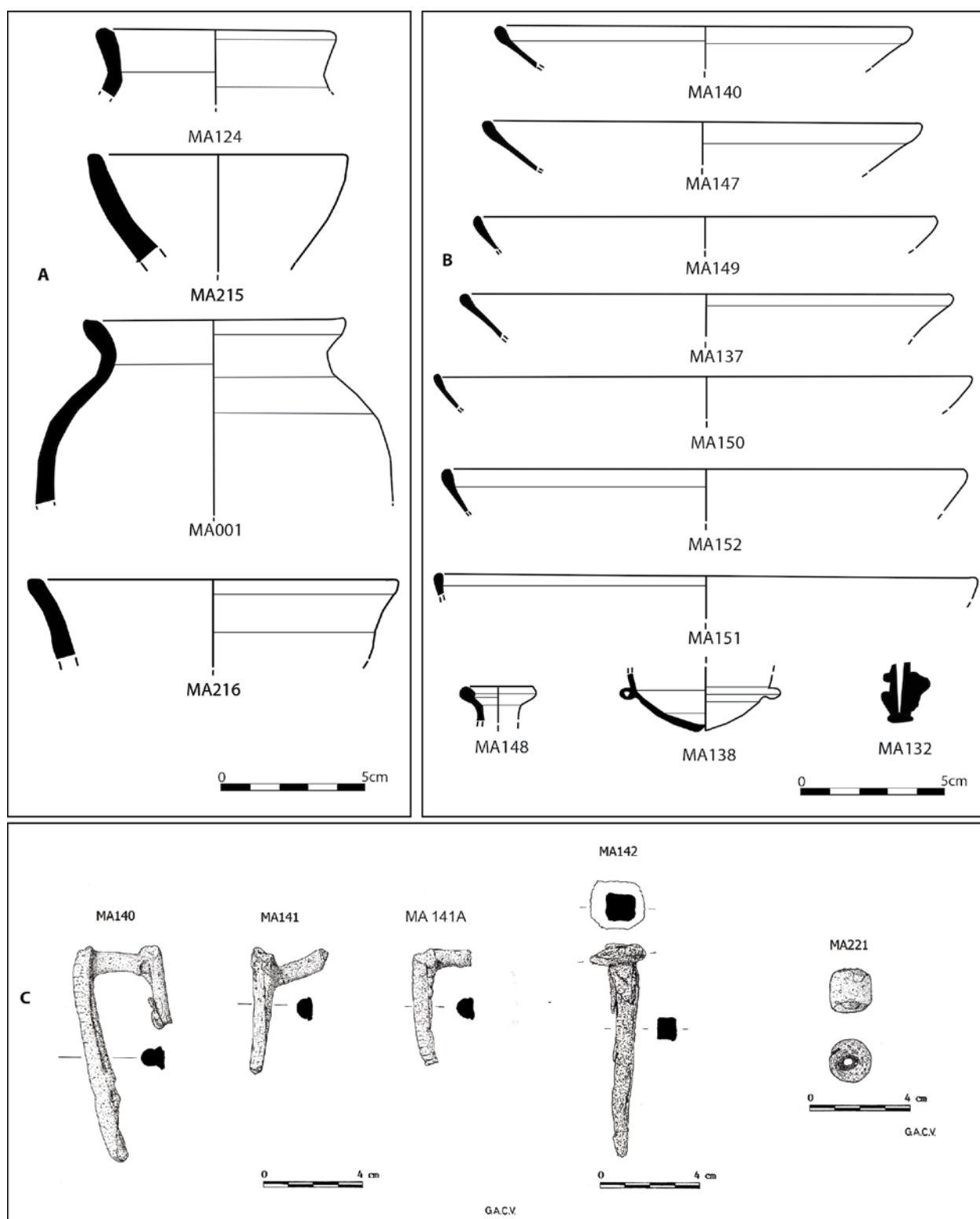


Figura 5 - Materiais do Setor C. A: Cerâmica alto medieval; B: Vidros romanos/tardios; C: Liga metálica.

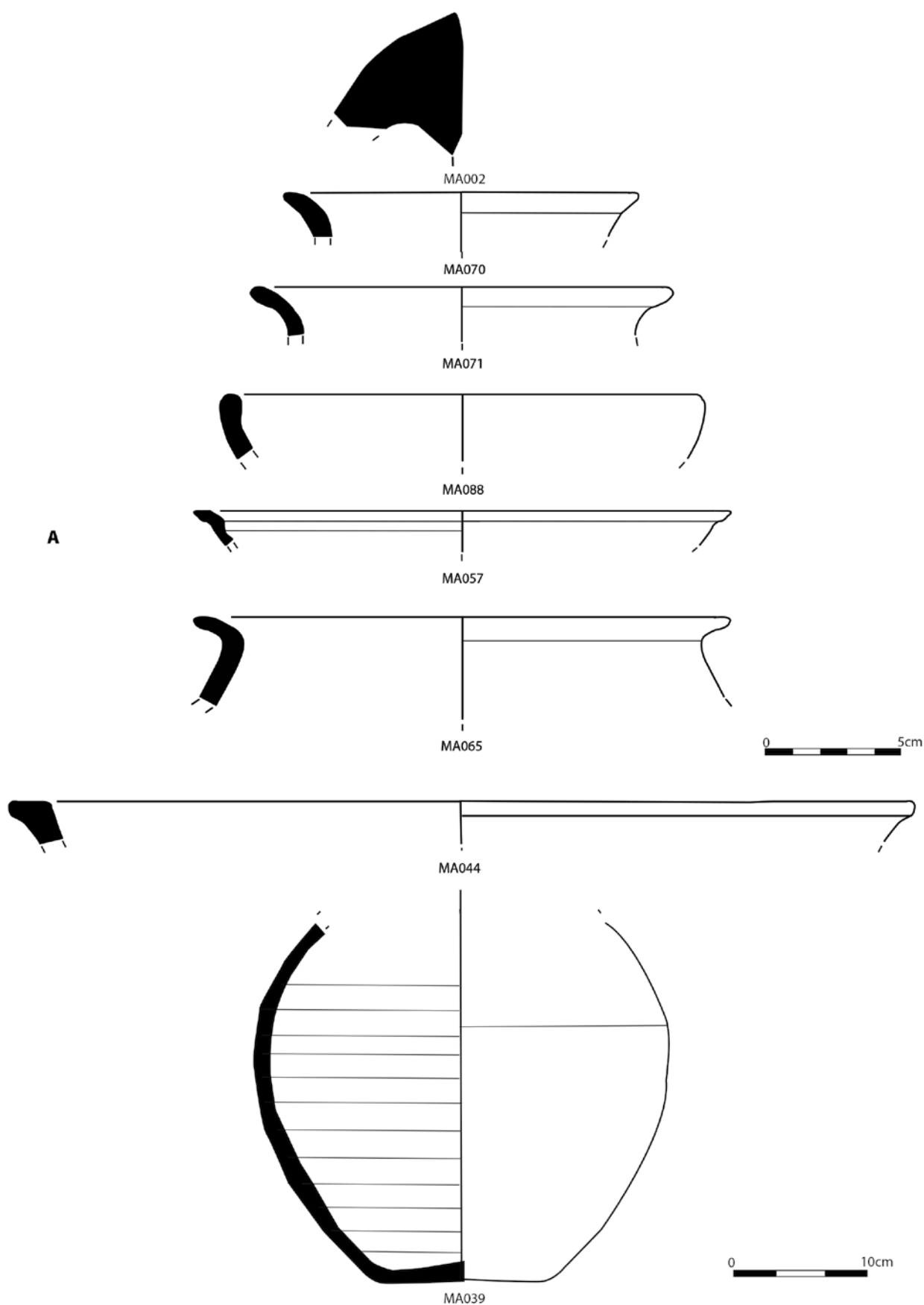


Figura 6 – Materiais do Setor C. A: Cerâmica romana/ tardo-romana.

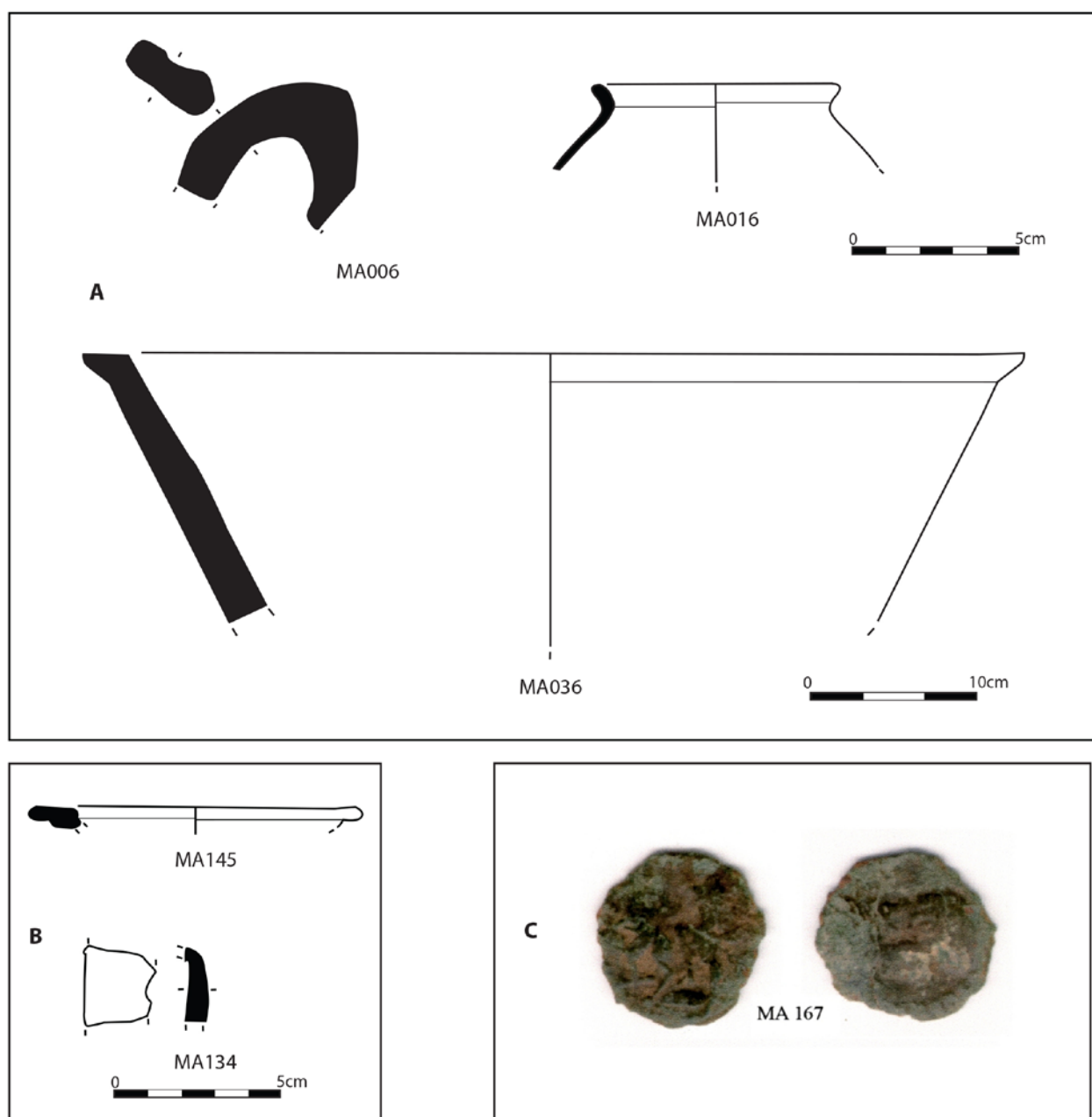


Figura 7 – Materiais do Setor E. A: Cerâmicas romanas; B: Vidros romanos; C: Moeda.

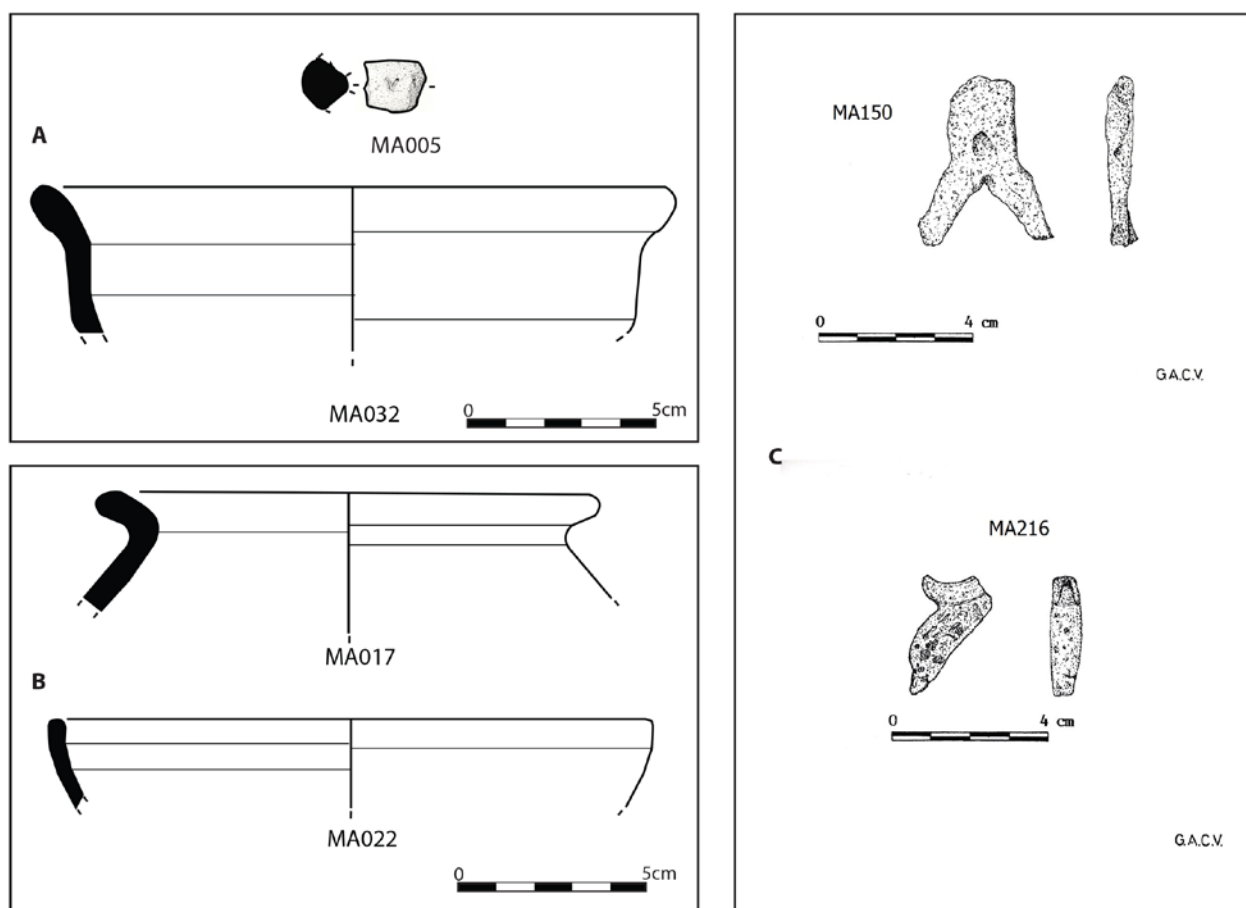


Figura 8 – Materiais do Setor F-. A: Cerâmica romana; B: Cerâmica alto medieval; C: Liga metálica.

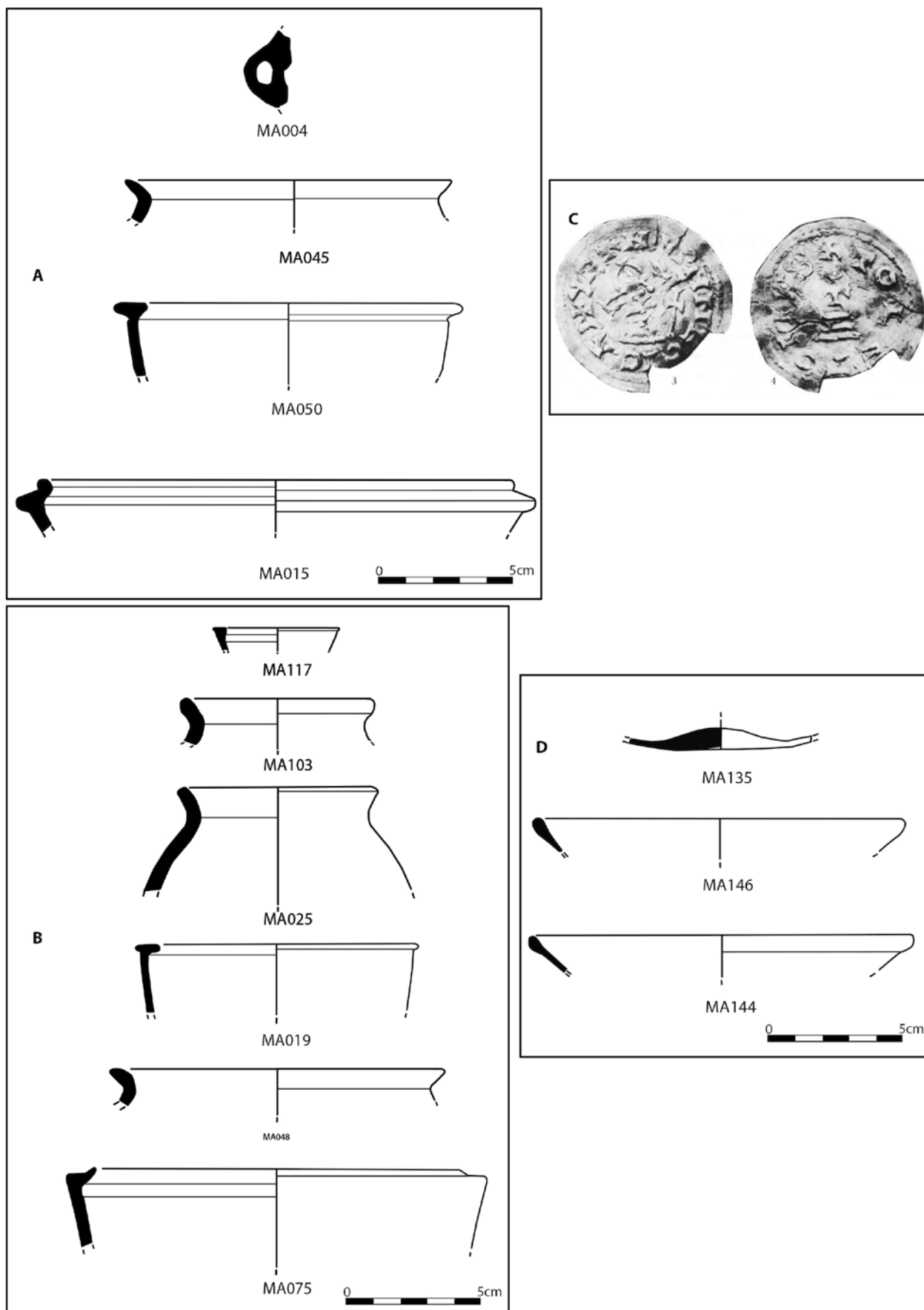


Figura 9 – Materiais sem contexto. A: Cerâmica romana; B: Cerâmica tardo-romana; C: Moeda (Triente visigodo) (Imagem retirada de Rodrigues 1975); D: Vidros.

Nº Inv.	Denominação	Anverso	Reverso	Centro de fabrico	Cronologia
MA155	Nummus, tipo Pietas Romana	Teodora	Indeterminado	Indeterminada	337-340
MA156	Nummus, tipo Gloria Exercitus (1 estandarte)	Constâncio II (César) (?)	Indeterminado	Indeterminada	335-337
MA157	AE2, tipo Victoria Aug Lib Romanor	Magnêncio	Imperador segurando globo encimado por águia e calcando prisioneiro inclinado para a frente	Roma (A - //R.F.P)	350
MA158	Nummus, Séries urbanas (Vrbs Roma), tipo Gloria Exercitus (1 estandarte)	Constâncio II (César)	Indeterminado	Constantinopla	336-Primavera 340
MA159	Nummus, tipo Gloria Exercitus (1 estandarte)	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminada	Arles (chiro//?CONST), 335-337
MA160	AE4, tipo Spes Reipublice	Juliano (César)	Indeterminado	Indeterminada	Constantinopla (- -//CONS?), 355-361
MA161	Nummus, tipo Victoriae dd augg q nn	Constâncio II ou Constante	Indeterminado	Indeterminada	Arles (G//PARL), 347-348
MA162	AE3, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado)	Constâncio II	Indeterminado	Indeterminada	351-361
MA163	AE3, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado)	Constâncio II	Indeterminado	Arles (D -//SCON-)	353-355
MA164	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminada	Século IV
MA165	AE3, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado)	Constâncio II	Indeterminado	Indeterminada	351-361
MA166	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminada	Século IV
MA168	AE3, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado)	Constâncio II, Constâncio Galo ou Juliano	Indeterminado	Indeterminada	351-361.
MA169	Nummus, tipo Gloria Exercitus (1 estandarte) ou Victoriae dd augg q nn	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminada	335-348
MA171	AE3, tipo Fel Temp Reparatio (Cavaleiro derrubado)	Constâncio II	Cízico (•M• -//SMK[...])	Indeterminada	355-361

Quadro 1 – Moedas do Setor A.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**